O Impacto do Diagnóstico Tardio na Qualidade de Vida de Adultos Autistas

Débora da Silva Novello[1]
Tamires Ribeiro da Silva[2]
Vinicius Reis de Siqueira[3]

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que leva a dificuldades sociais e comportamentais. Anteriormente era associado a fase infantil, porém houve aumento de diagnósticos tardios em adultos, mesmo que ainda pouco estudados. Esse tardiamento devido a sintomas leves, falta de conhecimento e mascaramento. Muitos adultos ainda não diagnosticados enfrentam isolamento, baixa autoestima e dificuldades sociais e profissionais. Após o diagnóstico, pode surgir alívio, mas também ansiedade, depressão e frustração. A qualidade de vida é intermediada pelo apoio familiar, social e pelo acesso aos serviços. O presente trabalho, de caráter bibliográfico (2010–2025), utilizou das bases: Google Acadêmico e Scielo. Os resultados apontam que o diagnóstico tardio impacta diversas áreas da vida, incluindo saúde mental, cognição e inserção social. Por fim, é notório que se faz necessário que haja melhora na formação dos profissionais, como também políticas públicas de conscientização e inclusão educacional e profissional dessas pessoas.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that causes social and behavioral difficulties. Previously associated with childhood, there has been an increase in late diagnoses in adults, although these conditions are still poorly understood. This delay occurs due to mild symptoms, lack of knowledge, and masking. Many undiagnosed adults face isolation, low self-esteem, and social and professional difficulties. After diagnosis, relief may arise, but also anxiety, depression, and frustration. Quality of life is mediated by family and social support and access to services. This bibliographic study (2010–2025) used the databases Google Scholar and SciELO. The results indicate that late diagnosis impacts various areas of life, i ncluding mental

health, cognition, and social inclusion. Finally, it is clear that improvements in the training of professionals are necessary, as well as public policies for awareness and educational and professional inclusion of these individuals

Introdução

Classificado como uma condição do neurodesenvolvimento, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado pela apresentação de dificuldades recorrentes na comunicação e interação social (DUARTE, L. M.; RIBEIRO, V. E. L; NAZARÉ, W. O. 2024, pág. 2), como também a presença de padrões que são restritos e repetitivos de comportamento, interesse ou atividades (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M., 2024, pág. 3). Tais características geralmente estão presentes desde o início da infância, podendo ser reconhecidas nessa fase ou tardiamente em outras fases da vida do indivíduo.

Inicialmente, o autismo era considerado um transtorno que só poderia ser identificado na infância, o que direcionou grande parte das pesquisas e intervenções para essa fase do desenvolvimento. Porém, nas últimas décadas, é possível observar um aumento significativo de adultos que recebem o diagnóstico tardio de TEA (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M., 2024, pág. 7), grande parte deles passaram a vida sem conseguir compreender a origem de suas dificuldades sociais, comunicativas e comportamentais (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M., 2024, pág. 8). Esse fenômeno está relacionado a diferentes fatores, entre eles a ampliação dos critérios diagnósticos, o avanço do conhecimento científico sobre o espectro autista e o aumento da conscientização social acerca do transtorno, tanto na sociedade quanto nos serviços de saúde.

Mesmo com todos os avanços, a literatura científica encontrada reflete que ainda existe maior ênfase de estudos voltados à infância (FREIRE, G.; CARDOSO, H. S. P., 2022, pág. 7), que é uma realidade que contribui para a escassez de pesquisas voltadas especificamente ao TEA na vida adulta. Essa carência de investigações dificulta a correta identificação do transtorno em adultos e pode retardar o acesso ao diagnóstico e aos serviços de apoio necessários. Em razão disso, o diagnóstico tardio de TEA em adultos ainda reflete um desafio significativo tanto para profissionais de saúde quanto para os próprios indivíduos que convivem com essa condição, muitos dos quais permanecem por anos sem

compreender as razões de suas dificuldades.

Nos estudos encontrados sobre o diagnóstico tardio em adultos, é possível identificar que essas pessoas que recebem o diagnóstico já na fase adulta frequentemente apresentam uma trajetória de vida marcada por sentimentos de inadequação social, dificuldade em relacionamentos interpessoais e desafios na adaptação a diferentes ambientes sociais e profissionais (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 7). Dados indicam que as dificuldades sociais persistentes, sensibilidade sensorial, rigidez comportamental e desafios na compreensão de linguagem figurada são características recorrentemente são relatadas por adultos autistas, na maior parte dos casos impactando significativamente seu cotidiano e qualidade de vida desses indivíduos. Sobre qualidade de vida, PEREIRA, TEIXEIRA e SANTOS (2012), refletem que:

> "não inclui apenas fatores relacionados à saúde, como bem-estar físico, funcional, emocional e mental, mas também outros elementos importantes da vida das pessoas como trabalho, família, amigos, e outras circunstâncias do cotidiano" (PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANDOS, A., 2012, p. 4)

Ademais, a ausência de um diagnóstico ao longo de muitos anos também pode gerar consequências emocionais importantes. Nesse sentido, quando finalmente é fechado o diagnóstico já na fase adulta, é comum que ele provoque reações emocionais diversas nesses indivíduos (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 10), como por exemplo o alívio por finalmente poder ter uma explicação para suas experiências vividas (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 12), e ao mesmo tempo ser desencadeado um processo de reconstrução de sua própria subjetividade e reinterpretação de vivências passadas.

Do ponto de vista social e científico, compreender o diagnóstico tardio do autismo em adultos torna-se essencial. Por muito tempo, a sociedade se concentrou no autismo infantil e suas intervenções precoces, resultando em uma lacuna significativa de conhecimento sobre os desafios e experiências de indivíduos diagnosticados apenas na fase adulta (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 1). Por isso, estudos de revisão da literatura tornam-se importantes (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M.,

2024, pág. 3), porque facilitam reunir e analisar produções científicas que já existem, permitindo identificar avanços, lacunas e desafios relacionados ao diagnóstico do TEA na vida adulta, como também para promover maior conscientização social, auxiliando na superação de estereótipos e no fortalecimento de práticas mais inclusivas voltadas à neurodiversidade.

Além disso, a ampliação das pesquisas nessa área possui implicações importantes para diversos contextos sociais. Na área da saúde, pode vir a contribuir para o aprimoramento das práticas diagnósticas e para o desenvolvimento de intervenções mais adequadas às necessidades de adultos autistas (DUARTE, L. M.; RIBEIRO, V. E. L; NAZARÉ, W. O. 2024, página 4). No contexto acadêmico, os estudos sobre o diagnóstico tardio ajudam na construção de um referencial teórico mais consistente acerca do autismo na vida adulta (FREIRE, . G.; CARDOSO, H. S. P., 2022, pág. 5). Já no âmbito social e profissional, esse conhecimento pode favorecer a criação de ambientes mais inclusivos, capazes de reconhecer e respeitar as particularidades de pessoas neurodiversas.

Diante desse contexto, se torna evidente a importância de ampliar as investigações sobre o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista em adultos. Com isso, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica acerca do diagnóstico tardio do TEA na vida adulta, buscando compreender como a literatura científica aborda esse fenômeno (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 2), bem como discutir aspectos relacionados às características do autismo em adultos, às dificuldades enfrentadas por indivíduos com TEA em seu cotidiano e aos desafios envolvidos no processo de identificação diagnóstica tardia (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M., 2024, pág. 3). Desse modo, surge o seguinte questionamento: qual é o impacto do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na qualidade de vida e nas interações sociais de adultos autistas?

Nesse sentido, é possível identificar que o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode impactar positivamente a qualidade de vida de adultos quando proporciona o autoconhecimento, permitindo que a pessoa possa entender melhor suas características e experiências ao longo da vida (ANDRADE, A. R. O., *et. al.*, 2025, pág. 5). Muitas pessoas passam grande parte de suas vidas sem conseguir entender

de onde vem suas dificuldades sociais, comunicativas e comportamentais, isso frequentemente gera sentimentos de inadequação e incompreensão de diferentes contextos sociais. Dessa forma, a identificação diagnóstica representa um importante processo de autoconhecimento, permitindo que a pessoa reinterprete suas experiências passadas perante uma explicação mais ampla sobre sua vivência (DUARTE, L. M.; RIBEIRO, V. E. L; NAZARÉ, W. O. 2024, página 8). Esse entendimento contribui para a diminuição da autocrítica e o fortalecimento da autoestima. Também podendo favorecer a adoção de estratégias de socialização mais autênticas, podendo reduzir a necessidade de camuflagem social, que é uma prática frequentemente utilizada por pessoas autistas para se adequar às expectativas sociais. A partir disso, essas pessoas podem estabelecer relações interpessoais mais genuínas e podem também buscar apoio profissional ou redes de suporte, que são fatores que podem contribuir para melhorias significativas em sua qualidade de vida.

Por outro lado, o diagnóstico tardio do TEA também pode gerar impactos negativos na qualidade de vida de adultos, principalmente nos casos em que ocorre após uma longa trajetória de vida marcada por dificuldades e experiências de incompreensão social (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 6). Com essa descoberta na vida adulta, o indivíduo pode vir a desencadear sentimentos de frustração e tristeza, podendo até mesmo apresentar um processo de luto simbólico relacionado à percepção de oportunidades que poderiam ter sido diferentes caso soubessem do diagnóstico antes (ANDRADE, A. R. O., *et. al.*, 2025, pág. 10). Muitos sujeitos que são diagnosticados tardiamente relatam ter passado vários anos lidando com críticas, cobranças e interpretações equivocadas sobre seus comportamentos, o que pode levar a internalização de sentimentos negativos, como baixa autoestima e insegurança (FREIRE, G.; CARDOSO, H. S. P., 2022, pág. 3).

Também, o diagnóstico não exclui automaticamente as dificuldades enfrentadas decorrentes do transtorno, nem os desafios nas relações sociais e na inserção profissional e outras demandas do cotidiano (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M., 2024, pág. 5). Portanto, mesmo que o diagnóstico represente um avanço em sua compreensão de vida, ele também pode trazer à tona emoções complexas e reflexões sobre experiências passadas

marcadas pela ausência de reconhecimentos e suporte adequado.

Além do mais, também é possível considerar que o impacto do diagnóstico tardio do TEA na qualidade de vida de adultos pode ser ambivalente, variando de acordo com fatores individuais, sociais e contextuais (ANDRADE, A. R. O., *et. al.*, 2025, pág. 4). Nesse contexto, o diagnóstico pode gerar tanto sentimentos de alívio, quanto de reflexão sobre experiências passadas, uma vez que a identificação da condição permite compreender dificuldades vivenciadas anteriormente sem explicação clara (RODRIGUES, R. L. P., RIBEIRO, M. S., 2025, pág. 9). Para algumas pessoas, essa descoberta representa um grande marco no processo de autoconhecimento e aceitação da própria identidade.

Porém, essa nova compreensão não exclui automaticamente os desafios acumulados ao longo da vida, especialmente aqueles relacionados às dificuldades de socialização, adaptação a diferentes ambientes e construção de relações interpessoais (SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M., 2024, pág. 5). Fatores como o nível de apoio familiar, o acesso a acompanhamento profissional e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelo indivíduo podem influenciar significativamente a forma como o diagnóstico impacta sua vida. Assim, o diagnóstico tardio pode ser compreendido como um ponto de partida para mudanças e adaptações, cujos efeitos podem variar conforme as experiências e os recursos disponíveis para cada pessoa.

Com base nessas informações, buscamos analisar o impacto que o diagnóstico tardio TEA tem na fase adulta, buscando examinar de que maneira a ausência da identificação precoce pode influenciar as diferentes áreas da vida de indivíduos autistas. Além disso, buscamos investigar qual a relação presente entre a ausência de diagnóstico e a construção da autoestima em adultos autistas, analisando de que forma a falta de entendimento sobre sua vida no quesito comportamental, social e comunicativo pode contribuir para sentimentos de inadequação, frustração e autocrítica.

Procura-se compreender como a má interpretação de comportamentos ao longo da vida pode levar muitas pessoas a internalizar críticas sociais, que podem vir a influenciar negativamente a percepção que criam sobre si mesmo e sobre suas capacidades. Examinar as experiências de socialização vividas por adultos com TEA antes do diagnóstico, investigando quais são os principais desafios que elas

enfrentam na construção e manutenção de relações interpessoais. Desse modo, pretende-se analisar as dificuldades relacionadas à comunicação social e adaptação a diferentes ambientes sociais. Ademais, será abordado o isolamento como sentimento frequentemente relatado por pessoas autistas, assim como estratégias de camuflagem social que são usadas para tentar se adequar às expectativas sociais e minimizar possíveis julgamentos ou exclusões.

E, por fim, avaliar possíveis mudanças na autoestima, percepção de si e nas relações sociais após receber o diagnóstico tardio de autismo, ponderando como o processo de autoconhecimento pode ajudar para uma compreensão mais ampla das próprias experiências de vida. Pretende-se identificar de que maneira a identificação diagnóstica pode contribuir para a aceitação da própria identidade neurodiversa, reduzir sentimentos de inferioridade e possibilitar a construção de relações interpessoais mais autênticas, além de incentivar a procura de apoio profissional e redes de suporte.

Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações no desenvolvimento neurológico que afetam principalmente a comunicação, a interação social e os padrões comportamentais. O TEA abrange quatro transtornos que anteriormente eram vistos separadamente (Transtorno Autista, Transtorno de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtornos Invasivos do Desenvolvimento sem Outra Especificação), e que hoje pertencem a uma única condição com diferentes graus de severidade e sintomatologia, por isso é usado o termo “espectro”. De acordo com os critérios diagnósticos do DSM-5, o autismo é classificado como um Transtorno do Neurodesenvolvimento indivíduos com TEA apresentam dificuldades na reciprocidade social, na comunicação verbal e não verbal e podem demonstrar comportamentos repetitivos ou interesses restritos. O espectro autista é amplo e heterogêneo, o que significa que cada indivíduo pode apresentar características e níveis de suporte diferentes. Algumas pessoas necessitam de maior apoio para realizar atividades cotidianas, enquanto outras possuem maior autonomia em diferentes contextos sociais e profissionais.

Diagnóstico tardio do autismo

Durante muitos anos, o autismo foi considerado uma condição rara e predominantemente infantil, atualmente é

um diagnóstico frequente e com crescente demanda em todas as fases da vida (FÉRES-CARNEIRO, T.; GIKOVATE, C. G., 2025, pág. 1). Habitualmente, sua sintomatologia é reconhecida dentro do período de 12 a 24 meses de vida, podendo ser observada antes mesmo dos 12 meses caso os comprometimentos no desenvolvimento sejam graves. O diagnóstico precoce é uma ferramenta que auxilia na minimização de prejuízos nas pessoas autista, pois crianças possuem maior capacidade adaptativa neuronal, que se trata de um fenômeno chamado "Plasticidade Neuronal". Com o avanço das pesquisas e a ampliação dos critérios diagnósticos, tornou-se possível identificar que muitos adultos também apresentam características do espectro autista. Porém, alguns desses indivíduos apresentam um desafio para os profissionais, isso porque esse grupo tende a apresentar sintomatologia menos evidentes e que podem ser mascarados por outras comorbidades psiquiátricas (RODRIGUES, R. L. P., RIBEIRO, M. S., 2025, pág. 2). O diagnóstico tardio pode ocorrer por diversos fatores, como desconhecimento sobre o transtorno, sintomas mais sutis ou estratégias de adaptação desenvolvidas pelos indivíduos ao longo da vida.

Impactos do diagnóstico tardio

A ausência de um diagnóstico durante grande parte da vida pode gerar impactos emocionais e sociais significativos, como sentimentos de culpa por serem diferentes ou causar dificuldades no desenvolvimento de relacionamentos (NALIN, M. N., *et. al.*, 2022, pág. 2). Muitos adultos autistas relatam experiências marcadas por dificuldades em ambientes sociais, acadêmicos e profissionais. Estudos indicam que adultos diagnosticados tardiamente frequentemente apresentam índices elevados de ansiedade e depressão, além de dificuldades de inserção social e profissional. Também é recorrente os casos em que pacientes autistas possuem altas taxas de depressão, autolesão e pensamentos suicidas, tal fato podendo ser agravado pela dificuldade no acesso ao tratamento e apoio familiar e profissional (NALIN, L. M., *et. al.*, 2022, pág. 2). Em uma pesquisa realizada com adultos autistas diagnosticados tardiamente, aproximadamente 48,8% relataram baixa qualidade de vida, associada principalmente a dificuldades sociais e emocionais. Por outro lado, o diagnóstico também pode representar um importante processo de autoconhecimento, permitindo que os indivíduos compreendam melhor

suas características e desenvolvam estratégias de enfrentamento mais adequadas.

Qualidade de vida em adultos autistas

A qualidade de vida de adultos autistas está relacionada a diversos fatores, como apoio social, acesso a serviços de saúde, inclusão no mercado de trabalho e compreensão social sobre o transtorno. Pessoas com TEA sofrem com desafios significativos quanto se trata da socialização e interação com outros indivíduos, que se refletem na dificuldade no reconhecimento facial, compreensão de emoções e orientação social. É comum casos em que autistas têm sua comunicação verbal e não verbal afetada, podendo apresentar ecolalia, reversões pronominais e dificuldade em expressar seus sentimentos. Em relação ao âmbito social, ele pode ser prejudicado pois o autismo pode vir a afetar o desenvolvimento de empatia e a compreensão dos estados mentais de outras pessoas (ALVES, H. C. O., 2024, pág. 8). A literatura científica aponta que o reconhecimento do diagnóstico pode favorecer o acesso a intervenções e serviços de apoio que contribuem para o bem-estar psicológico e social desses indivíduos. Além disso, a ampliação do conhecimento sobre o autismo na vida adulta pode contribuir para a construção de ambientes mais inclusivos e preparados para acolher a diversidade neurológica. Essa ampliação de conhecimento pode levar à produção de legislações que abordam a vida adulta, uma vez que a falta delas causam desafios contínuos (ALVES, H. C. O., 2024, pág. 9).

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica que, segundo LIMA E MIOTO (2007):

> "reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção de conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponte de partida para outras pesquisas" (LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T., 2007, p. 8)

Diante disso, a construção desse trabalho se deu por meio da realização da análise de artigos científicos, dissertações e outras produções acadêmicas relacionadas ao diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista em adultos.

A pesquisa seguiu um percurso que se adequa às etapas de sua realização. Gil

(1999) apresenta os procedimentos para uma pesquisa bibliográfica: a) levantamento bibliográfico preliminar; b) busca das fontes; c) leitura do material; d) redação do texto. Foi realizada por meio de consultas em bases de dados científicas, utilizando palavras-chave como “autismo”, “diagnóstico tardio”, “autismo em adultos” e “qualidade de vida”. Os estudos selecionados foram publicados entre os anos de 2010 e 2025, priorizando artigos em língua portuguesa. A pesquisa abrangeu estudos empíricos e artigos de revisão por pares, desde que inseridos no campo da saúde e com rigor metodológico adequado.

A delimitação temporal é necessária para que a nossa pesquisa reúna publicações atuais sobre o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista. A busca por esses materiais foi realizada, principalmente, nas seguintes bases científicas: Google Acadêmico e Scielo. Os critérios de inclusão delimitados foram: *(a)* seleção dos artigos na íntegra; *(b)* separação dos que foram publicados em língua portuguesa (Brasil); *(c)* que abordem o diagnóstico tardio do TEA em adultos e seus desdobramentos. Foram analisados 35 artigos, dos quais só foram usados 14. Em relação aos critérios de exclusão, foram desconsiderados artigos duplicados, fora do lapso temporal escolhido, idiomas estrangeiros, e artigos que não apresentem relação direta com o objeto de identificação. A pesquisa foi realizada por meio dos seguintes disparadores: “autismo”, “Transtorno do Espectro Autista”, “diagnóstico tardio”, “diagnóstico em adultos”, “diagnóstico de TEA”, “impactos do diagnóstico tardio”, além de termos relacionados aos prejuízos físicos, cognitivos e emocionais associados ao transtorno.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, baseada exclusivamente na análise de materiais já publicados em artigos científicos, livros e documentos acadêmicos, este estudo não envolve contato direto com seres humanos. Dessa forma, não há necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, serão respeitados os princípios éticos da pesquisa científica, garantindo a correta citação das fontes utilizadas.

A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, levando em consideração o rigor metodológico e a relação direta com o tema proposto. Essa forma de análise escolhida, tem como objetivo o entendimento aprofundado dos conteúdos apresentados nos estudos que foram selecionados, facilitando a identificação de padrões, convergências, divergências e lacunas existentes na literatura acerca do

diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em adultos. Com esse intuito, a análise foi feita baseada em dez temáticas, que foram construídas a partir da leitura e análise dos conteúdos encontrados. As categorias foram: impactos sociais; saúde mental e sofrimento psíquico; mascaramento social (camuflagem); cognição e desenvolvimento; relações interpessoais e comunicação; vida acadêmica e profissional; identidade e autocompreensão; contexto familiar; motivos do diagnóstico tardio; e implicações práticas e perspectivas futuras. Importante ressaltar que essas temáticas serão aprofundadas na próxima seção.

Resultados e Discussão

Nosso estudo pode analisar e evidenciar que o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em adultos é caracterizado como um complexo fenômeno com vários fatores e amplas repercussões, que podem atravessar dimensões sociais, emocionais, cognitivas e de identidade. É possível identificar que a ausência do diagnóstico precoce do TEA influencia de forma significativa o desenvolvimento geral dos indivíduos, gerando impactos e prejuízos que se prolongam ao longo da vida.

Impactos Sociais

A análise das publicações escolhidas evidencia que o diagnóstico tardio do TEA acarreta impactos profundos e duradouros na inclusão social dos adultos com o transtorno, comprometendo de forma significativa suas trajetórias de desenvolvimento, participação e interação social (CLEMENTINO, A. S.; SILVA, F. T. S. A.; KISSULA, J. C., 2025, PÁG. 2). ALVES (2024) aponta que adultos com TEA apresentam implicações na socialização e interação, sendo refletidos "em dificuldades de reconhecimento facial, na compreensão de emoções e na orientação social". Já GIKOVATE e FÉRES-CARNEIRO (2025) dizem que narrativas de adultos com TEA apontam o desconforto e a tensão vivenciado por eles nas relações com o outro, "com uma tendência a se responsabilizar pela incapacidade de corresponder às expectativas do jogo social cotidiano".

Diante desse contexto, os comportamentos tidos como atípicos, são muitas vezes interpretados equivocadamente por pessoas da própria família, professores e pela sociedade no geral, sendo frequentemente associados a traços de personalidade, indisciplina, descontrole ou desinteresse. A

interpretação equivocada e inadequada resulta em situações de rotulação negativa que acompanham o sujeito ao longo de sua vida, maximizando estigmas e dificultando a construção de relações sociais significativas. Além disso, a internalização de experiências assim pode levar à criação de uma autoimagem fragilizada, marcada por sentimentos de inadequação e inferioridade.

Ademais, outro aspecto importante se refere à presença de práticas capacitistas, que operam tanto de forma explícita quanto implícita, limitando o acesso dessas pessoas em espaços sociais, educacionais e profissionais. Mesmo após o recebimento do diagnóstico, pode-se observar que muitos adultos com TEA ainda enfrentam problemas relacionados à validação de suas necessidades, o que mostra que o reconhecimento clínico, de forma isolada, não é suficiente para garantir a inclusão social efetiva. Desse modo, se torna evidente que os impactos sociais do diagnóstico tardio estão profundamente relacionados a fatores estruturais e culturais, que ultrapassam a dimensão individual do transtorno.

Em relação a análise dos autores, todos reconhecem que existem dificuldades nas interações sociais que geram impactos na vida cotidiana. CLEMENTINO, SILVA e KISSULA (2025) têm uma visão que reflete o diagnóstico tardio como um impacto que compromete processos sociais mais amplos, não focando especificamente em habilidades específicas. Por outro lado, ALVES (2024) tem seu foco nos processos cognitivos, como reconhecimento facial e expressão de emoções. Por fim, GIKOVATE e FÉRES-CARNEIRO (2025) vêm trazendo a construção emocional por trás dessas interações. Os autores citados trazem os impactos que são causados, mas não deixam de forma tão clara quais são as possíveis estratégias de intervenção.

Saúde Mental e Sofrimento Psíquico

Ao falar de diagnóstico tardio do TEA, uma das áreas mais afetadas é a saúde mental. Segundo ANDRADE, *et al* (2025), o TEA em adultos se dá por uma grande variabilidade de sinais e sintomas que podem ser representados em diversas repercussões na saúde física, mental e espiritual. Isso porque muitas dessas pessoas passam anos sem entender suas próprias características. E crescer com essa falta de compreensão sobre si mesmo, principalmente em fases importantes do desenvolvimento, acaba gerando um acúmulo de sofrimento psíquico. Podendo aparecer mais tarde em forma de ansiedade, depressão e até pensamentos suicidas.

Conforme descreveu DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024), a falta de diagnóstico faz com que essas pessoas sejam rotuladas negativamente e pressionadas a se encaixar em normas sociais, levando a um sentimento de inadequação.

Porém, esse sofrimento não deve ser compreendido apenas como decorrência do transtorno, ele também está diretamente ligado e arraigado nas experiências vividas pelo sujeito ao longo de sua vida, em situações de rejeição, dificuldades em relacionamentos, sensação de inadequação, tudo isso sendo somado com o decorrer do tempo construindo uma percepção negativa de si mesmo.

Outro ponto importante é o esforço que muitas pessoas com TEA fazem para se adaptar ao que é esperado socialmente. É presente uma grande tentativa constante de "se encaixar", agir do modo que os outros consideram adequado, mesmo que não seja natural para si mesmo. O esforço contínuo que decorrente dessa vivência contribui para o desgaste emocional e contribui para o aumento de estresse, ansiedade e depressão.

Desse modo, é explícito que o diagnóstico tardio não se trata apenas de uma questão de identificação clínica, mas como ligação a uma maior vulnerabilidade psicológica. Pensando dessa maneira, fica evidente o quando esse cenário poderia ser diferente se houvesse mais reconhecimento, acolhimento e intervenções desde cedo, respeitando as particularidades do TEA em cada fase da vida.

Na análise de ANDRADE *et al.* (2025) é possível notar que ele apresenta uma visão mais ampla e clínica das variáveis do sintomas, já DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) trazem uma visão mais social, onde apresenta um impacto da sociedade sobre o tema. Não é muito explorado sobre qual a diferença do antes e depois do diagnóstico, talvez por ser uma vivência muito subjetiva de cada um.

Mascaramento social (camuflagem)

O mascaramento social, podendo também ser chamado de camuflagem, é caracterizado como uma estratégia central na experiência de muitos indivíduos que ainda não receberam o diagnóstico de TEA, especialmente entre mulheres. Sobre esse assunto, DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) discorrem que muitos adultos criam estratégias para mascarar características, levando assim a uma exaustão física e emocional. Trata-se de um conjunto de comportamentos e adaptações que o sujeito

desenvolve, muitas vezes sem perceber, com o intuito de ocultar características do autismo e atender às expectativas sociais, que com o tempo se torna um comportamento quase automático.

Embora essa estratégia possa ser vista como algo positivo que favoreça a inserção social em determinados contextos, seus efeitos a longo prazo são amplamente negativos. O mascaramento exige um esforço cognitivo e emocional constante, resultando em exaustão, sobrecarga mental e sensação de perda de autenticidade. É recorrente que muitos indivíduos venham a relatar dificuldades em reconhecer sua própria identidade, pois passam tempo demais de sua vida desempenhando papéis socialmente esperados, em detrimento de sua espontaneidade.

Ademais, é importante citar que o mascaramento é um comportamento que dificulta muito o próprio diagnóstico, como muitos sinais do TEA acabam ficando escondidos, profissionais podem não perceber o que está realmente acontecendo. Essa realidade acontece com mais frequência em mulheres, pois em muitos casos elas acabam desenvolvendo estratégias de adaptação que se tornam mais eficazes, tornando a manifestação do sintomas mais leves e menos evidentes. Por fim, é possível perceber que o mascaramento não afeta somente a saúde mental, como também contribui para o atraso do diagnóstico.

Os autores trazem a prática do mascaramento como uma fonte de esgotamento emocional do sujeito. O mascaramento está presente em diversos contextos de adultos com autismo, mas não é tão abordado nos trabalhos.

Cognição e Desenvolvimento

Em relação à cognição, o diagnóstico tardio está ligado a prejuízos significativos em funções executivas, atenção, memória e flexibilidade cognitiva (FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R., 2020, pág. 2). A falta de intervenções precoces pode vim a comprometer o desenvolvimento dessas habilidades, o que impacta de forma direta a autonomia e a capacidade de adaptação às demandas acadêmicas, sociais e profissionais. DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) falam que algumas das características que são comuns em aparecer incluem o atraso na fala, os comportamentos que são restritos e repetitivos, a hipersensibilidade sensorial e a rigidez cognitiva.

No que tange às relações executivas, responsáveis por processos como planejamento, organização e controle inibitório, são especialmente afetadas, o

cotidianas e a gestão de demandas mais complexas. Além disso, déficits na cognição social, particularmente na teoria da mente, comprometem a capacidade de compreender estados mentais, intenções e emoções de outras pessoas.

Essas dificuldades não influenciam somente o desempenho acadêmico, mas também afetam a qualidade das interações sociais e na inserção profissional desses sujeitos. Diante disso, é possível perceber que o diagnóstico tardio impede o acesso a estratégias de intervenção que poderiam minimizar tais prejuízos, comprometendo o desenvolvimento geral do indivíduo.

Os autores FERNANDES, TOMAZELLI e GIRIANELLI (2020) trazem um entendimento neuropsicológico, já DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) têm como foco o comportamento e a fala. Porém, não é abordado diretamente em qual grau o tratamento do diagnóstico tardio afeta diretamente esses aspectos.

Relações Interpessoais e Comunicação

As dificuldades de comunicação constituem um dos principais desafios enfrentados por indivíduos que possuem diagnóstico tardio de TEA. É comum que essas pessoas apresentem dificuldades em compreender nuances sociais e ajustar a comunicação ao contexto, isso contribui para a ocorrência de mal-entendidos frequentes e relações interpessoais fragilizadas (GIRALDI, B. M.; VIDAL, G. P., 2025, pág. 2).

ALVES (2024) aponta que o TEA afeta a comunicação verbal e a não verbal, sendo frequente a presença de ecolalia e reversões pronominais, além da dificuldade na expressão de sentimentos.

As dificuldades apresentadas são recorrentemente seguidas por experiências de rejeição, bullying e exclusão social, que reforçam o isolamento e a evitação de interações. Com o passar do tempo, esse padrão pode progredir para o desenvolvimento de estratégias defensivas, como o afastamento social, dificultando ainda mais a construção de vínculos significativos. Por isso, pode-se observar a formação de um ciclo de exclusão, no qual as dificuldades comunicativas levam a experiências negativas, que, por sua vez, reforçam o isolamento e limitam oportunidades de desenvolvimento social.

GIRALDI e VIDAL (2025) trazem uma fala focada na dificuldade de interpretação e compreensão da comunicação, ALVES (2024) já vem

citando possíveis comorbidades que podem se apresentar, como por exemplo a ecolalia. Contudo, ainda não é abordado de forma tão clara quais as estratégias de intervenção que poderiam ser usadas.

Vida Acadêmica e Profissional

Na vida educacional, a falta do diagnóstico precoce impossibilita a implementação de estratégias pedagógicas adequadas às necessidades do indivíduo, comprometendo o desenvolvimento de habilidades fundamentais. Dificuldades em leitura, escrita, organização e atenção contribuem para baixo desempenho escolar e, em alguns casos, evasão.

Em relação ao ambiente profissional, ANDRADE, *et al* (2025) relatam que o diagnóstico tardio pode resultar em desemprego ou subemprego, pois que esses indivíduos não possuem acesso ao apoio necessário para se desenvolver no ambiente de trabalho. No dia-a-dia profissional, os desafios continuam, eles são frequentemente agravados por ambientes pouco inclusivos e pela falta de compreensão sobre o TEA. A dificuldade de adaptação a dinâmicas organizacionais, somada à falta de suporte, diminui as oportunidades de inserção e permanência no mercado de trabalho (BACHETTA, P. F.; COSTA, E. C., 2025, pág. 5).

Mesmo com avanços nas discussões sobre inclusão, ainda há uma lacuna significativa na implementação de políticas e práticas que promovam efetivamente a participação de pessoas com TEA no ambiente de trabalho, evidenciando a necessidade de mudanças estruturais.

Os autores ANDRADE *et al.* (2025) tem foco no mercado de trabalho e a falta de acesso ao suporte, já BACHETTA e COSTA (2025) tem uma visão mais voltada ao ambiente profissional e sua manutenção. É comum ser focado principalmente nas dificuldades e menos nas possíveis potencialidades.

Identidade e Autocompreensão

A formação da identidade toma um papel central na experiência do diagnóstico tardio, ALVES (2024) aponta que a criação do autoconceito e da identidade nos adultos com TEA aparece como fator crucial para adaptação social e o bem-estar.

Antes da identificação do transtorno, muitas pessoas vivenciam um sentimento persistente de não pertencimento, acompanhado de dúvidas sobre sua própria identidade e desenvolvimento.

Nesse contexto, o diagnóstico pode atuar como mudança de vida, permitindo a ressignificação de experiências passadas e

a construção de uma narrativa mais coerente sobre si (CARVALHO, I. R., *et al*, 2020, pág. 7). Esse processo favorece o desenvolvimento de autoconhecimento, autoaceitação e autocompaixão, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida emocional.

No entanto, essa experiência também pode ser marcada por ambivalência, pois uma vez que o alívio proporcionado pelo diagnóstico pode existir em conjunto com sentimentos de luto, revolta e frustração pelo tempo vivido sem entendimento adequado. Essa dualidade evidencia a complexidade do processo de construção identitária no contexto do TEA.

O autor ALVES (2024) destaca o autoconceito como importante fator para o bem-estar e a adaptação, já os autores CARVALHO *et al.* (2020) tem foco maior no processo de transformação, com um evento crucial como mudança de vida.

Contexto Familiar

O diagnóstico tardio também vem impactar significativamente o contexto familiar de indivíduos com autismo, uma vez que exige adaptações nas dinâmicas relacionais e nos papéis desempenhados pelos membros da família (CARVALHO, I. R., *et al*, 2020, pág. 8). A falta de compreensão sobre o TEA pode gerar reações de negação, minimização ou dificuldade de aceitação, dificultando o processo de adaptação ao diagnóstico.

Ademais, o impacto emocional e, em algumas famílias, financeiro, corrobora para o aumento do estresse e da sobrecarga familiar. A necessidade de reorganização da rotina e de busca por suporte especializado revela a importância de intervenções que incluam não apenas o indivíduo, mas também sua rede de apoio.

DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024), falam que quando um dos membros da família possui autismo, é gerado repercussões em todos os integrantes da família, esse fato requer sensibilidade, paciência e compreensão nas interações. Os autores também descrevem que após o recebimento do diagnóstico é frequente que os familiares se sintam desinformados sobre as implicações do TEA, intensificando sentimentos de luto e incerteza.

É possível perceber que CARVALHO *et al.* (2020) tem uma visão mais prática e destaca as dinâmicas familiares e os papéis desempenhados por cada um. Já DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) tem um foco mais no emocional familiar e as repercussões que o TEA tem na família. Não é tão comumente

abordado, no entanto, as diferenças entre os diversos tipos de famílias.

Motivos do Diagnóstico Tardio

ALVES (2024) afirma que o acesso limitado a profissionais e a desinformação são fatores que contribuem para a demora no diagnóstico, principalmente em localidades com baixa ou média renda.

Os fatores que vem contribuindo para o diagnóstico tardio do TEA já na fase adulta são muitos e que dependem de variados fatores, tais como: aspectos estruturais, sociais, profissionais e individuais. A falta e/ou dificuldade no acesso aos serviços de saúde, a falta de políticas públicas eficazes e a falta de capacitação profissional constroem grandes barreiras para a identificação precoce do transtorno.

Além disso, fatores como estigmas sociais, desinformação e a associação do TEA à infância contribuem para a invisibilidade do diagnóstico em adultos. O mascaramento dos sintomas e a presença de comorbidades também dificultam a identificação, evidenciando a complexidade do processo diagnóstico.

Na análise, é possível perceber que ALVES (2024) tem um foco mais na falta do que é preciso para ter esse diagnóstico, mas não abrange tanto a forma como é feito esse diagnóstico adulto, ou quais os instrumentos usados.

Implicações Práticas e Perspectivas Futuras

Com base nos artigos analisados, se torna evidente a importância e a necessidade de intervenções em vários níveis. No contexto da saúde, é importante destacar a necessidade da formação continuada de profissionais e do desenvolvimento de instrumentos diagnósticos específicos para adultos (FRANÇA, K. V. O., MORAIS, S. M., ROCHA, Y. F., 2024, pág. 2.

DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) afirmam que é necessário a promoção e conscientização sobre o autismo e a importância dos diagnósticos precoces.

No campo social, ações de conscientização são de extrema importância para reduzir o estigma e promover a valorização da neurodiversidade (CARVALHO, I. R., *et al*, 2020, pág. 11). Por fim, no campo das políticas públicas, é imprescindível garantir acesso ao diagnóstico, suporte contínuo e programas de inclusão social e profissional.

Os autores FRANÇA, MORAIS e ROCHA (2024) enfatizam que é necessário ter uma melhora na área técnica e profissional no contexto da saúde, já DUARTE, RIBEIRO e NAZARÉ (2024) focam principalmente no fator preventivo e educativo da cosncientização, por fim os autores CARVALHO *et al.* focam principalmente na área social da neurodiversidade. Não foi possível identificar com tanta certeza como deve ser a comunicação entre os setores da área da saúde, educação, social entre outros sobre como deve ser feito esse cuidado continuado.

Referências

ALVES, H. C. O. O DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA FASE ADULTA: UMA SCOPING REVIEW. Id on Line: **Revista de Psicologia**, v. 18, n. 71, p. 1-18, 2024. DOI: 10.14295/idonline.v18i71.3964. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3964/6016. Acesso em: 14 mar. 2026.

ANDRADE, A. R. O. *et al*. IMPACTO SOCIAL DO DIAGNÓSTICO TARDIO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ADULTOS. **Revista Foco** - Interdisciplinary Studies, v. 18, n. 6, p. 1-12, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n6-152. Disponível em: https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8660/6358. Acesso em: 14 mar. 2026.

BACHETTA, P. F.; COSTA, E. C. DIAGNÓSTICO TARDIO DE PESSOAS AUTISTAS: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E AÇÕES DO RH. **Revista Interface Tecnológica**, v. 21, n. 1, p. 347-359, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.31510/infa.v21i1.1880. Acesso em: 21 mar. 2026.

CARVALHO, I. R. *et al*. A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO HIP HOP PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUTISMO. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 26, p. e26033, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.91403. Acesso em: 21 mar. 2026.

CLEMENTINO, A. S.; SILVA, F. T. S. A.; KISSULA, J. C. AUTISMO EM MULHERES ADULTAS: PERCURSOS, VIVÊNCIAS E IMPLICAÇÕES DO DIAGNÓSTICO TARDIO. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 12, p. e9903, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.56083/rcv5n12-050. Acesso em: 21 mar. 2026.

DUARTE, L. M.; RIBEIRO, V. E. de L.; NAZARÉ, W. O. A INFLUÊNCIA DO DIAGNÓSTICO TARDIO NO DESENVOLVIMENTO EM ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 11, p. e6555, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N11-069. Disponível em: https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6555. Acesso em: 14 mar. 2026.

FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R. DIAGNÓSTICO DE AUTISMO NO SÉCULO XXI: EVOLUÇÃO DOS DOMÍNIOS NAS CATEGORIZAÇÕES NOSOLÓGICAS. Psicologia USP, v. 31, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-6564e200027. Acesso em: 21 mar. 2026.

FRANÇA, K. V. P. de; MORAIS, S. M. de; ROCHA, Y. F. de O. A EFICÁCIA DA TERAPIA ABA EM PACIENTES ADULTOS COM DIAGNÓSTICO DE AUTISMO. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 7, p. e15013746440, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd-v13i7.46440. Acesso em: 21 mar. 2026.

GIKOVATE, C. G.; FÉRES-CARNEIRO, T. AUTISMO EM ADULTOS: RELATOS DE VIDA APÓS UM DIAGNÓSTICO TARDIO. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 14, n. 1, p. 92-116, 2025. DOI: 10.37067/rpfc.v14i1.1168. Disponível em: https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1168. Acesso em: 14 mar. 2026.

GIL, A. C. COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA, 4 ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

GIRALDI, B. M.; VIDAL, G. P. PSICODRAMA BIPESSOAL E AUTISMO FEMININO: O RECONHECIMENTO DO EU APÓS DIAGNÓSTICO TARDIO. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 33, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.700. Acesso em: 21 mar. 2026.

LIMA, T. C. S., MIOTO, R. C. T. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA. **Revista Katál Florianópolis**. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 21 mar. 2026.

NALIN, M. N. *et al*. IMPACTOS DO DIAGNÓSTICO TARDIO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ADULTOS. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i16.38175. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/38175/31756. Acesso em: 14 mar. 2026.

PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. QUALIDADE DE VIDA: ABORDAGENS, CONCEITO E AVALIAÇÃO. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 241-250, 2012. DOI: 10.1590/S1807-55092012000200007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007. Acesso em: 14 mac. 2026

RODRIGUES, R. L. P.; RIBEIRO, M. D. DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA VIDA ADULTA E SUAS IMPLICAÇÕES. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 13, p. 1-20, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n13-134. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/21509/11856. Acesso em: 14 mar. 2026.

SOUZA, C. B.; MORENO, G. H. M. IMPACTO DO DIAGNÓSTICO TARDIO E SUA RELAÇÃO COM DISFUNÇÕES POSTURAIS, SENSORIAIS, TEMPO DE TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO E NÍVEL DE SUPORTE EM PACIENTES AUTISTAS. **Cadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 10, p. 1-18, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n10-104. Disponível em: https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5966/4278. Acesso em: 14 mar. 2026.